



Abb. 2 – Hans Staden, Wahrhaftige Historia, Marburg 1557.



Abb. 3 – André Thevet, Les singularités de la France antartique, Paris 1557/1558.

Conceito de amor: comparação entre estudantes brasileiros e alemães

Ulrike Schröder*

Abstract: This article makes a comparative study of the views on “love” of Brazilian and German students. It turned out that the Love affairs between German students were strongly determined by the romantic ideal of love, whereas Brazilian students have a more passionate ideal of love.

Keywords: communication; constructivism; love; behaviour; comparative study.

Zusammenfassung: Das Phänomen *Liebe* nicht – wie im Alltagsgebrauch – als substantielle Entität, sondern als kommunikativ erzeugte Lebenswirklichkeit zu begreifen, ist Ziel der Untersuchung gewesen. Zu diesem Zweck wurde eine vergleichende Fallstudie zum Liebeskonzept brasilianischer und deutscher Studenten durchgeführt. Theoretische Grundlage der Untersuchung bildete ein im weitesten Sinne konstruktivistisches Verständnis von Kommunikation als wirklichkeitserzeugendem Verhaltensbereich. In einer theoretischen Einführung wurde der Wirklichkeitsbereich *Liebe* unter Einbeziehung des jeweiligen historisch-kulturellen Hintergrundes fokussiert. Die methodische Vorgehensweise bei der Durchführung der Studie war schließlich überwiegend qualitativ angelegt, um das für den Einzelnen tatsächlich relevante Begriffsinventar ermitteln zu können. In der Auswertung sind dann die Unterschiede im Hinblick auf die Internalisierung eines Liebesideals, die Strukturen der Beziehungswirklichkeit, ihre sprachliche Handhabung, die Verhaltenskoordination, die Funktion von Beziehungen sowie die Folgen für die Kommunikationspraxis herausgestellt worden. Es zeigte sich, dass Liebesbeziehungen unter deutschen Studenten stark vom romantischen Liebesideal geprägt sind, unter brasilianischen Studenten dagegen am ehesten dem passionierten Liebesideal entsprechen.

* Doutora em Sociologia pela Universität Bielefeld.

Stichwörter: Kommunikation; Konstruktivismus; Liebe; Verhalten; Linguistik; Vergleichende Studie

Palavras-chave: comunicação; construtivismo; amor; comportamento; linguística; estudo comparativo.

I. Introdução

O complexo do assunto “amor” está onipresente na sociedade desde a cultura do dia a dia à formação subjetiva de nossa existência. Ele pode ser encontrado nas variadas formas da música popular, nos shows de televisão e telenovelas, nos filmes policiais e melodramas, na lírica como no romance, nas revistas e nos cartazes de publicidade. Temos relações amorosas, casos, vamos a festas, danceterias e viajamos por países estrangeiros em busca de novos contatos sexuais ou mesmo do “amor da nossa vida”; encontramos amigos para discutir os problemas da relação amorosa atual, e juntos partimos em busca de nova aventura amorosa ou de consolo por causa do último amante.

A nossa concepção de amor é substancial em todas essas esferas. Entretanto, não conseguimos, na verdade, defini-lo *concretamente*. Embora tentemos insistentemente *agarrá-lo*, ele nos *escapa das mãos*. Ele nos *devora*, somos *impotentes* perante ele; por outro lado, ele nos *traz* a felicidade, ele é *incalculável*. Enfim, nós o *condenamos*, o *ansiamos*, o *procuramos no outro*, nós nos *rendemos a ele* ou optamos por *virar-lhe as costas*.

Não descrever o amor como uma entidade substancial mas como uma realidade criada por meio da comunicação, foi a meta da presente pesquisa, nas Ciências da Comunicação. Ela desemboca num estudo de campo comparativo do conceito de amor entre estudantes brasileiros e alemães, possibilitando mostrar que a realidade é diferentemente construída em função da cultura.

II. Quadro teórico

O recorte teórico tenta reunir contribuições de outras áreas do conhecimento, necessárias a uma maior aproximação da realidade, num exercício ainda recente da prática da interdisciplinaridade. Todavia, o ponto de vista dominante é o das Ciências da Comunicação.

As Ciências da Comunicação são profundamente autoreferenciais devido ao fato de se dedicarem à explicação do comportamento humano, ou seja, a realidade inteira – incluindo as próprias ciências – é o seu objeto de interesse. Desse modo, elas se movem forçosamente dentro de um círculo como observadoras: ao observar processos de comunicação, elas criam uma teoria da observação, a qual, por sua vez, somente pode ser criada por meio da comunicação; dessa maneira, são submetidas aos mesmos critérios do objeto observado. Teoria e método coincidem. Por causa dessa circularidade, não são capazes de oferecer um sistema fechado; elas têm que ser interdisciplinares, críticas e epistemológicas.

Nesse sentido, o interesse principal das Ciências da Comunicação tem que ser perguntar coisas evidentes e explorar epistemologicamente as condições da realidade, observando o “como” das nossas explicações. O ponto de partida da análise é a compreensão da comunicação como uma área comportamental, criadora de realidade.

Ao desenvolver a pesquisa, a base construtivista adotada demonstra ser uma perspectiva fundamental, cuja vantagem reside em sua pretensão universal: uma vez que tenta descrever a totalidade da realidade de vivência, ela também é autoreferencial. Sendo assim, ela não estabelece critérios universais num esqueleto teórico já constituído. Isso favorece a compreensão estrangeira, a qual poderia ser bloqueada por um instrumental teórico pré-definido. Além disso, a teoria da construção da realidade protege particularmente a perspectiva do investigador de cultura, para quem a própria realidade aparece como uma de um número infinito de possibilidades. Essa consciência cria a distância necessária da própria cultura.

Visando uma melhor compreensão da importância da comunicação para a gênese dos mundos simbólicos, nos quais uma comunidade linguística e comunicacional existe, são apresentadas, a seguir, as teorias que constituem o quadro teórico deste estudo:

A contribuição da teoria cognitiva: Com a sua teoria dos sistemas vivos, o biólogo chileno Humberto Maturana estabelece uma epistemologia fundamentada biolo-

gicamente na neurofisiologia.¹ Nessa epistemologia da teoria cognitiva, Maturana descreve sistemas vivos como um processo que se autogera.² Com isto, Maturana se afasta da neurofisiologia tradicional, segundo a qual sistemas vivos são sistemas governados pelo meio externo. Em oposição a essa definição, Maturana não pergunta mais pela estrutura do mundo exterior, mas pela estrutura da nossa realidade experimentada. Como decorrência, os objetos do mundo não devem mais ser vistos como imagens dos objetos de conhecimento; mas sim, inversamente, têm que ser vistos como constructos do processo de observação. Desse modo, o homem é definido como um observador que cria o mundo, isto é, constrói seu próprio sistema-interno de um mundo sistema-externo.³

A contribuição da sociologia: Com a sua sociologia do saber, Peter Berger e Thomas Luckmann se colocam, dentro da sociologia, na tradição do programa interpretativo, cuja raiz tem origem na filosofia de Edmund Husserl e na sociologia de Alfred Schütz e George Herbert Mead.⁴ A suposição principal dos primeiros — a realidade social só se torna real por meio de definições recíprocas de situação — foi declarada pela primeira vez pelo sócio-psicólogo americano William Isaac Thomas. No foco de análise dos dois sociólogos está a compreensão do saber como o fundamento da realidade e não o contrário. A realidade em que nós nos movemos cada dia é uma realidade construída, e a sociedade é o local onde essa realidade é produzida. Dessa forma, desenvolvem-se, no decorrer do tempo, numa cultura, objetivações — conhecimentos de como agir e de crenças etc., — que são experimentadas como uma ordem da realidade pré-formulada pela língua:

Auf diese Weise markiert Sprache das Koordinatensystem meines Lebens in der Gesellschaft und füllt sie mit sinnhaften Objekten.⁵

¹ Uma descrição fundamental da teoria se encontra em Maturana 1982; ou, também em Maturana/Varela 1987.

² Maturana descreve todos os sistemas vivos como “autopoieticos”. Isto significa que esses sistemas são organizados com base em sua coesão operacional. Eles se autoreproduzem e, desta forma, se delimitam do meio (cf. Maturana 1982: p. 141).

³ Por isso Maturana define percepção como uma operação de distinção de um observador (cf. Maturana 1997: p. 39).

⁴ Os elementos da sociologia do saber desses autores se encontra em Berger/Luckmann 1980.

⁵ Berger/Luckmann 1980: p. 24s. Todas as traduções foram feitas pela autora.

(Desta forma, a língua marca o sistema de coordenadas da minha vida na sociedade e preenche-a com objetos providos de sentido.)

A língua assume a função de integração ao colocar sentido nas coisas, o que resulta do ato de reflexão.⁶ Dessa maneira, todas as coisas que nós experimentamos têm um lugar no mundo simbólico e obtêm um significado.⁷

O aspecto fundamental da teoria da cognição de Maturana e da análise do mundo cotidiano de Berger e Luckmann é a compreensão do comportamento lingüístico como um ato de criação e reprodução da realidade. Dessa forma, ambos se colocam em oposição a uma compreensão técnica da comunicação,⁸ assim como a teorias representacionistas. Para eles, isso implica que cada problema novo já é discutido no quadro de uma minuta da realidade já fixada por noções.

A contribuição da etnologia: O que significa isso para o ponto de vista do etnólogo, interessado em comparar um constructo lingüístico como o “amor” pela perspectiva científico-comunicativa? Envolvendo aspectos teórico-culturais e etnológicos, a etnologia tem que ser vista como um processo de compreensão interpretativa. O semiólogo da cultura Clifford Geertz rompe com conceitos universais da antropologia e propõe uma etnografia fundida no nível empírico.⁹ Segundo o autor, não é possível continuar tratando da cultura como acumulação de fatos isolados. Se queremos compreender o que acontece numa cultura estrangeira, precisamos de uma perspectiva interna, ao invés de observar uma comunidade pela perspectiva externa, que traz noções e categorias pré-definidas. Essa tendência dentro da antropologia já é manifesta no funcionalismo de Malinowski¹⁰ e no estruturalismo de Sapir/Whorf.¹¹ Estes, no entanto, tentam

⁶ cf. Schütz 1993: p. 54.

⁷ cf. Schütz/Luckmann 1984: p. 13ss.

⁸ A teoria da informação se baseia na suposição de estruturas isomórficas do remetente e do destinatário; todavia, segundo Maturana, essa isomorfia não existe entre organismo e meio (cf. Maturana em: Riegas/Vetter 1990: p. 15).

⁹ Cf. Geertz 1995.

¹⁰ Malinowski desenvolve o conceito da “observação participante” como implicação necessária do contexto: o investigador de cultura tem que ser envolvido na cultura observada para compreender essa cultura a partir de uma perspectiva interna (cf. Malinowski 1949).

¹¹ Boas já exige uma observação das culturas estrangeiras com base em conceitos não da nossa comunidade cultural, mas dessas culturas (cf. Boas 1966). A seguir a Boas,

ainda estabelecer uma teoria fechada, enquanto Clifford Geertz considera não haver uma teoria que se possa aplicar a todos os fenômenos culturais; além disso, este autor se concentra numa esfera de cultura que podemos resumir como “common sense”, ou seja, como o saber coletivo do uso da língua dentro de uma realidade cónnita.¹²

III. A distinção na gênese do conceito de amor

Dentro das perspectivas apresentadas, o constructo “amor” pode ser analisado a partir da proposta do sociólogo Niklas Luhmann. Seguindo a linha de compreensão da comunicação como uma esfera comportamental, criadora de realidade, Luhmann propõe uma definição especial do constructo “amor”, segundo a qual, o “amor” poderia ser descrito como um meio de comunicação, generalizado simbolicamente.¹³ Ela se contrapõe à crença de que o amor seja uma emoção que exista independentemente da comunicação do mundo exterior, mostrando que o desenvolvimento dessa idéia de amor apareceu pela primeira vez na Europa, no decorrer da Idade Média, no contexto dos cavaleiros medievais. Sur-

Sapir e Whorf destacam ainda mais o fenômeno da língua, formulando a sua tese do determinismo lingüístico (cf. Sapir 1973 e Whorf 1978). Nos anos setenta, esse discurso desemboca no nascimento da “Ethnography of Communication” que proclama, com referência a uma observação das culturas, uma “emic” em vez de uma “etic approach”. Estas noções foram transmitidas da lingüística (fonética – fonêmica) para a etnologia (cf. Saville-Troike 1989 e Hymes 1979).

¹² Cf. Geertz 1995: p. 25.

¹³ Cf. Luhmann 1996. Uma análise semelhante do conceito de amor e do seu desenvolvimento histórico na Europa também pode ser encontrado em Baumgart 1985. No ensaio sobre o amor, Luhmann integra o fenômeno amor na sua teoria universal. Nesta teoria dos sistemas, Luhmann transfere o conceito de “Autopoiesis” de Maturana para a sociologia: a sociedade é vista como um sistema que diferencia (sub)sistemas como política, economia, direito e ciência etc. Essa diferenciação funcional dos sistemas é resultado do processo histórico. Cada sistema é descrito como um meio de comunicação, generalizado simbolicamente, e opera – para reduzir complexidade – com base num código binário: ter/não ter poder (política); ter/não ter dinheiro (economia); ter/não ter direito (direito), verdadeiro/falso (ciência) etc. (cf. Luhmann 1991, p. 50ss.).

preendentemente, essa idéia continua exercendo grande influência na forma de entender o amor ainda hoje. Segundo ainda essa tendência, o amor diferencia-se, então, em relação ao conjunto da vida real, como uma esfera independente; na qual, são traduzidas em seu próprio código mais e mais vivências, como por exemplo a da amizade, conceito que foi totalmente absorvido por ela. O resultado disso é a constituição de uma realidade de vivência invariável.¹⁴

Na Alemanha, o meio de comunicação “amor” diferencia-se, dessa forma, por meio de uma semântica refinada, cuja progressão acompanha o processo histórico mais ou menos contínuo. Essa diferenciação do meio de comunicação “amor” ocorre paralelamente ao processo de diferenciação funcional de toda a sociedade.¹⁵

Em contraposição, o Brasil é caracterizado pela falta de um conceito corrente. Neste país, o processo civilizador teve início há quinhentos anos, forjando de forma muito heterogênea cada uma das relações – racial, social, histórica, geográfica, religiosa, mental e lingüística.

A fonte dessas referências diferentes de mundo do povo no Brasil e na Alemanha deve ser buscada na formação diferente entre essas duas culturas, aspecto já evidenciado nas obras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.¹⁶ Segundo Darcy Ribeiro, pode-se falar do “povo novo”, no caso do Brasil; e, do “povo testemunha”, no caso da Alemanha. Em resumo, essa diferenciação significa que o Brasil é, mais do que qualquer outra cultura no mundo, um país em que o povo se formou na base da miscigenação.¹⁷ Pode-se descobrir contradições advindas de tais influências heterogêneas em quase todas as esferas da vida, quando se observa a história do Brasil: na estrutura da casa grande e senzala;¹⁸ nas proclamações da igreja oficial e sua tradução livre na vida do povo;¹⁹ na confrontação

¹⁴ Cf. Luhmann 1996: p. 51ss.

¹⁵ Esse desenvolvimento paralelo é documentado pormenorizadamente em Elias 1976a e 1976b.

¹⁶ Cf. p. ex. Freyre 1990, 1977, 1971; Buarque de Holanda 1995.

¹⁷ Cf. Ribeiro 1972: p. 9ss.

¹⁸ Cf. Freyre 1990. Essa estrutura da casa grande e senzala deve ser vista como um microcosmos autárquico; cf. D’Incao 1989: p. 60; Buarque de Holanda 1995: p. 82 e Vainfas Em: de Mello e Souza 1997: p. 226ss.

¹⁹ Cf. a isto as documentações de Vainfas 1989: p. 18ss; Zenha Em: Vainfas 1986: p. 141ss; Pinto Venâncio Em: Vainfas 1986: p. 113ss e Briesemeister 1994: p. 381s. Priore p. ex. escreve: “Um olhar curioso para o passado nos revela, no entanto, que

da tradição do pensar europeu com a cultura do povo,²⁰ assim como na colisão da língua falada com a língua escrita.²¹

Darcy Ribeiro explana sobre a experiência distinta de vida dos mamelucos e dos negros, na configuração da ambigüidade brasileira: “Temos aqui duas instâncias. A do ser formado dentro de uma etnia, sempre irreduzível por sua própria natureza, que amarga o destino do exilado, do desterrado, forçado a sobreviver no que sabia ser uma comunidade de estranhos, estrangeiro ele a ela, sozinho ele mesmo. A outra, do ser igualmente desgarrado, como cria da terra, que não cabia, porém, nas entidades étnicas aqui constituídas, repellido por elas como um estranho, vivendo à procura de sua identidade. O que se abre para ele é o espaço da ambigüidade. Sabendo-se outro, tem dentro de sua consciência de se fazer de novo, acercando-se dos seus similares outros, compor com eles um nós coletivo viável”.²²

No Brasil, onde a interetnia é muito saliente em comparação com a Alemanha – onde não existem tais influências –, essas culturas diferentes instauram uma ambigüidade no plano da consciência moral, tornando-se um elemento constitutivo do próprio comportamento. As implicações disso podem ser claramente percebidas no uso linguístico. No Brasil, a língua não tem a mesma significação que na Alemanha por não fixar a realidade com a mesma intensidade, por não funcionar tão inequivocadamente como uma ordem da realidade. Avançando nesse sentido, é plausível afirmar que, no Brasil, há mais do que apenas uma minuta da realidade; e, por conseguinte, nenhuma das possíveis minutas dessa realidade é instalada efetiva e verdadeiramente.

estes espaços marcadamente sacros, e aparentemente mudos e imóveis, constituíam-se também em espaços secularizados: pontos da libido e até mesmo arenas de violência. Ao reconstituir a imagem das igrejas setecentistas, estaríamos mais próximos de um mosaico polímorfo e sonoro do que de um quadro homogêneo e sonolento.” (Priore Em: Vainfas 1986: p. 89).

²⁰ Cf. a isto Werz 1991: p. 222ss. Assim, D’Incao descreve o confronto com o ideal do amor romântico da Europa da seguinte maneira: “O amor parece ser uma epidemia que contagia as pessoas, as quais, uma vez contaminadas, passam a suspirar e a sofrer no desempenho do papel de apaixonados. Tudo isso em silêncio, sem ação, senão as permitidas pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer. Ama-se, então, um conjunto de idéias sobre o amor.” (D’Incao 1989: p. 66).

²¹ Cf. a isto Franzke Em: Briesemeister 1994: p. 435s.

²² Cf. Ribeiro 1995: p.132.

Além dessa idéia de ambigüidade como constitutiva do comportamento do brasileiro, acrescenta-se a falta de caráter (no sentido da identidade) a que se refere Mário de Andrade. Ele afirma o seguinte: “É com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral, mas, em vez disso, entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes, na ação exterior, no sentimento, na língua, na História, na postura, tanto no bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional.”²³

Dessa forma, sua própria constituição histórica determina e contribui para que o brasileiro tenha dificuldades em refletir com mais profundidade sobre a sua própria realidade e discernir sobre a realidade que o cerca, uma vez que está imerso em estereótipos de toda a espécie. Ao analisar a geração desses estereótipos em todas as épocas desenvolvidas sobre o Brasil, Dante Moreira Leite escreve com referência ao romantismo: “Esse esquema será indefinidamente, acentuando-se a grandeza da natureza tropical, a primavera eterna, a variedade de flores, a grandeza de rios e montanhas; quanto aos países de clima temperado, acentua-se o frio, a neve, a névoa constante – como se essa natureza fosse desagradável para o homem ou, pelo menos, para o homem tropical. Daí resulta uma estereotipação cansativa, que a estética romântica torna ainda mais monótona pela ligação entre a natureza e a vida afetiva. Em outras palavras, os românticos descobrem, ou redescobrem e acentuam, o isomorfismo entre a expressão humana e a aparência da natureza: a aurora dá uma impressão de frescura e promessa; a tarde parece melancólica; a noite é misteriosa e amedrontadora. É evidente que os homens sempre sentiram ou perceberam essa relação, mas os românticos brasileiros de tal modo insistiram nela que também aí caíram na esterotipação”²⁴. Isso se dá em quase todas as outras esferas.

Do mesmo modo como “... a relação entre natureza e poesia, entre natureza e homem, ficou muito mais nos programas ou nas generalizações, limitando-se a fórmulas gerais ou imagens repetidas, raramente cristalizadas ou especificadas”, assim se dá a relação entre o jovem estudante brasileiro e a idéia de amor apaixonado.

²³ Cf. Schwartz 1995: p.550s.

²⁴ Cf. Moreira Leite 1969: p.170-171

IV. Procedimentos metodológicos

As premissas teóricas, apresentadas acima de forma breve, determinaram o estabelecimento dos procedimentos metodológicos para a presente pesquisa. Isto significa que os dados obtidos não podem ser vistos de forma isolada, têm necessariamente de ser analisados no contexto cultural e situacional, de modo a possibilitar uma aproximação maior da compreensão de uma cultura estrangeira. Cada pré-categorização, que envolve noções pré-definidas, bloqueia a documentação de como uma comunidade cultural traça e estrutura *per se* a sua realidade. Por isso, uma orientação padronizada nos métodos de exploração social parece inútil.

Neste sentido, para a coleta de dados, foram empregados os seguintes instrumentos: observação participante não padronizada, questionário de auto-aplicação e entrevista semi-dirigida. Os critérios estabelecidos para a escolha dos sujeitos participantes da pesquisa foram: ser estudante e ter entre 20 e 30 anos.

A aplicação dos questionários na Alemanha deu-se no mês de dezembro de 1997. Foram distribuídos questionários, ao acaso, a frequentadores de diversas cafeterias, de várias faculdades, entre as quais a própria Ruhr-Universität Bochum, seguindo os critérios acima referidos. Destes, foram ponderados 106. Paralelamente, realizou-se a entrevista semi-dirigida com cinco estudantes alemães de diferentes áreas. No Brasil, a aplicação dos instrumentos referidos deu-se de forma similar: o questionário foi aplicado durante as aulas a estudantes de diversas faculdades, incluindo a Universidade de São Paulo, no transcorrer do mês de março de 1998. Da mesma forma, foi realizada esta entrevista com cinco estudantes, moradores da residência estudantil da Universidade de São Paulo. Além disso, no Brasil foram realizadas mais duas entrevistas sobre o assunto: numa dessas, um estudante brasileiro fala de sua estada de quatro anos, nas universidades alemãs, e do seu confronto com o conceito de amor daquele país. A outra entrevista foi realizada, em caráter especial, com o sociólogo Mirim Vieira, fundador do instituto “Familiarística” em São Paulo, e trata do desenvolvimento do conceito de amor no Brasil.

As perguntas das entrevistas assim como as dos questionários foram, na sua maioria, abertas, pelo simples fato de perguntas fechadas, já com respostas elaboradas, corresponderem às categorias do investigador; o que não seria relevante neste trabalho, uma vez que o alvo era averiguar as categorias dos entrevistados. O questionário é composto por quatro grupos de questões que abrangem os seguintes temas:

1. atual situação amorosa
2. tipo de relação
3. experiências
4. dados pessoais (idade, sexo e estado civil)

V. Avaliação dos resultados

1. Internalização

Com relação à formação social dos sujeitos, observam-se já diferenças extremas: enquanto no Brasil o ideal romântico é mencionado apenas uma vez, 32 estudantes alemães o evocam já na primeira vez em que são confrontados com a imagem do amor. Em outras ocasiões, o ideal de amor romântico aparece implicitamente ao se referir, por exemplo, a:

Wunschbild/Knutschen/Händchenhalten/Romeo und Julia/man nur einmal lieben/Hollywood/alles happy/Ich gehör' zu Dir, Du gehörst zu mir (imagem do ideal/acariciar-se/andar de mãos dadas/Romeo e Julieta/só se pode amar uma vez/Hollywood/tudo feliz/eu pertença a você, você pertence a mim)

Um estudante escreve:

Ziemlich konservative Vorstellungen: Treue, Respekt, Verständnis, Rücksichtnahme, Zerfließen in Romantik, geistige Befruchtung, kurz: das Klischee der wahren Liebe.²⁵

(idéias bastante conservadoras: fidelidade, respeito, compreensão, ter consideração, derreter-se em romantismo, fecundação mental, em resumo: os clichês do amor verdadeiro.)

Em contrapartida, no Brasil, dominam palavras afetivas, as quais refletem mais a vivência subjetiva do que um mundo já existente de imagens institucionalizadas: 23 estudantes descrevem as suas primeiras impressões sobre o amor como

²⁵ Alemão, 28 anos (questionário).

boas, com naturalidade; 7 como *fantásticas, maravilhosas e ótimas*, 20 dizem procurar o amor com *ansiedade*; 6 com *curiosidade*; 8 associam o amor, num olhar retrospectivo, à *dor e sofrimento*. Além disso, há muitas descrições que incluem expressões como: *quentes e intensas, confuso, sedução, prazer físico, encarei com impulsividade, muito forte, euforia*.

Tais idéias ilustram que, em contraposição à Alemanha, a institucionalização social de um conceito de amor é manifestada de forma pouco expressiva no Brasil. Desta forma, não parece surpreendente que, no Brasil, os pais não sejam mencionados uma única vez como fator de influência com respeito às primeiras impressões de amor. Em contrapartida, 24 estudantes alemães apontam os pais como o primeiro referencial.

Da mesma forma, enquanto os inquiridos alemães ambicionam uma união do conceito e da realidade, os inquiridos brasileiros expressam atitudes mais ambíguas. O confronto dos inquiridos brasileiros com conceitos, durante o processo de socialização na escola bem como por meio dos meios de comunicação e das teorias na universidade, mais agrava do que reduz essa ambigüidade. Em contraposição à linearidade das respostas dos inquiridos alemães, essa ambigüidade evidente nas respostas dos inquiridos brasileiros aflora desmesuradamente: o homem ideal deve ser inteligente e capaz de se comunicar, embora, às vezes, é mais desejável quando cala a boca.²⁶ Relações amorosas são descritas como maravilhosas e únicas, mesmo assim, não são desejadas para o resto da vida.²⁷ Numa entrevista, o sujeito²⁸ responde a todas as perguntas com uma imagem ideal em vez da sua própria opinião de uma imagem pessoal ou prática pessoal: ele frequentemente muda do pronome pessoal “eu” para o pronome pessoal “você” – o “você” funciona, nesse caso, como defesa de ataques contra certezas desejadas. Nisso, fica evidente que o conceito não está interiorizado realmente e não se tornou parte de sua realidade própria de vida. Outra estudante²⁹ deseja uma vida num “ambiente familiar”, acha que os problemas com o namorado derivam-se das diferenças de classe³⁰ e proclama assim uma vida burguesa, mas exige, por

²⁶ Indicada por uma brasileira (26 anos) na entrevista.

²⁷ Indicada ao todo cinco vezes nos questionários brasileiros.

²⁸ Brasileiro, 27 anos (entrevista).

²⁹ Brasileira, 26 anos (entrevista).

³⁰ Ela descreve o seu parceiro como uma pessoa que “não tem berço”.

outro lado, uma relação sem obrigações, sublinhando, contraditoriamente, precisar de uma relação autêntica para se entregar. Finalmente, ambos parecem captular perante o conceito recitado. Enquanto, na Alemanha, um conceito definido claramente provoca segurança e certeza da realização; no Brasil, a diferença percebida entre conceito e realização provoca o contrário – insegurança e incerteza:

I: Acontece de, às vezes, você ter dúvidas em relação às suas emoções com relação a ela?

P: Sim, muitas vezes acontece de eu ter dúvidas, se realmente gosto, ou se realmente estou acomodado. Acontece, sim, mas não muitas vezes, não.³¹

Outro estudante fornece uma descrição explícita do seu confronto com as estruturas do conceito europeu:

Depois eu fui meio quadrado, meio tradicional [...]. Eu namorei com a Cláudia que é uma colega da Física, que vive na França, eu comecei me contaminando com uma certa possessividade que ela tinha em relação a mim, foi uma coisa muito estranha...³²

Todos os estudantes entrevistados têm a opinião de que o amor, nos países europeus, seja mais conceitualizado: relações amorosas entre os inquiridos brasileiros seriam “mais espontâneas e bem mais emotivas, menos calculadas”; em oposição, as relações na Alemanha seriam “mais racionais, calculadas e verbalizadas”.³³ Lá, a intelectualidade é mais importante e os parceiros se vêem como uma parte do todo:

[...] mas acho que lá, se você pensa nisso, é uma coisa a dois. Tive a impressão de que, na Alemanha, quando duas pessoas assumem que estão namorando, a possibilidade de que elas vivam juntas é maior. Aqui não tem essas coisas. Aqui as coisas só acontecem.³⁴

³¹ Brasileiro, 27 anos (entrevista).

³² Brasileiro, 29 anos (entrevista).

³³ Brasileiro, 27 anos (entrevista).

³⁴ Brasileira, 28 anos (entrevista). A estudante passou um ano na Alemanha.

2. Diferenciação de um mundo privado comum *versus* estruturas heterogêneas na realidade da relação amorosa

Coerência versus abertura: Ter uma ligação amorosa, para os inquiridos brasileiros, não significa forçosamente que o amor tem que ser o motivo principal para esse relacionamento³⁵. Um em cada 10 inquiridos brasileiros sugeriu motivos pragmáticos, como dinheiro ou projetos profissionais conjuntos, quando questionado sobre o que mantém a ligação amorosa. Isso é quase inimaginável na Alemanha.

Além disso, quando perguntei o número de relações que já tiveram, cada entrevistado perguntou ao que me referia concretamente: a bipolaridade de “ter/não ter uma relação amorosa”, que existe na Alemanha, confunde-se no Brasil: por um lado, por causa da diferença entre “ficar” e “namorar”,³⁶ e, por outro, por causa da inexistência de pontuação do início e do fim das relações amorosas, aspecto sempre existente na Alemanha. Uma entrevistada brasileira, por exemplo, descreve o fim de uma relação como uma demonstração em vez de uma definição: “eu me torno mais ausente.”³⁷ Essa divergência do modo de tratar a realidade “amor” – no nível do discurso ou no nível da demonstração – já mostra como a língua – no sentido de Berger e Luckmann – é um desmembramento da experiência por meio da colocação de sentido, atribuindo-lhe, assim, categorias duais.

Base versus complemento: Foi possível verificar que, no Brasil, não há a sobrevalorização da significação da relação amorosa que se observa na Alemanha, onde a diferenciação de um mundo privado comum é muito mais evoluído.

³⁵ Parece haver uma contradição evidente aqui nas posições dos estudantes brasileiros: logo acima, foi mostrado que a opinião dos estudantes brasileiros sobre o amor nos países europeus é de que lá seria mais “racional” e “calculado”; enquanto no Brasil, seria mais “espontâneo, emotivo e menos calculado”. Porém, pode-se ver aqui fato bem diferente: motivos racionais e calculados que justificam relacionamentos amorosos no Brasil; que são, entretanto, inimagináveis na Alemanha. Por que acontece isso?

³⁶ No seu estudo, “Ficar e namorar”, Rieth realizou entrevistas com jovens entre 15 e 20 anos. Ela concluiu que a compreensão de “namorar” se orienta no ideal do amor romântico que freqüentemente é equiparado com subtração de liberdade; enquanto “ficar” implica mais curiosidade no outro e é conduzido por interesse (cf. Rieth 1997: p. 18ss).

³⁷ Brasileira, 26 anos (entrevista).

Para 51 estudantes alemães, a relação amorosa é o fator de maior importância de suas vidas; 45, acham que esta tem a mesma importância que outras esferas da vida; e, só 4, acham que tem uma importância menor. Contra isso, no Brasil, 38 estudantes equiparam a relação amorosa com as outras esferas da vida; para 10, esta é o fator de maior importância; e, para 13, é menos importante. Cabe salientar que 20 estudantes alemães vêem a relação amorosa como a “base” das suas vidas – uma consideração que aparece só três vezes nos questionários brasileiros. Predominantemente, estes últimos a descrevem como “complemento” ou “lucro” – noções que nos questionários alemães nunca aparecem. As citações seguintes refletem essas duas concepções:

O amor atuou como um complemento em todas as outras esferas; levando-me a um amadurecimento psicológico e social.³⁸

Die Liebesbeziehung funktioniert katalysierend für die übrigen Bereiche meines Lebens in welcher Art auch immer.³⁹

(A relação amorosa funciona sempre como catalisador para as outras esferas da minha vida, seja de que modo for.)

A compreensão da relação amorosa como um “complemento” ou “lucro” se refere ao potencial da mesma para complementar as outras esferas da vida, enquanto a compreensão da relação amorosa como “base” – revelada pelos inquiridos alemães – refere-se *per se* à propriedade da mesma como constitutiva das outras esferas da vida.

Unidade versus equivalência das pessoas: 81 estudantes alemães e só 53 estudantes brasileiros acham que eles encontram uma pessoa única no seu parceiro. Para se aproximar das causas desse valor diferenciado para com o parceiro, é necessário recorrer aos processos sociais, no contexto do desenvolvimento histórico, que já foram mencionados. Enquanto a privacidade na Alemanha aparece como uma área hermeticamente fechada;⁴⁰ no Brasil, esses territórios⁴¹ não são definidos tão

³⁸ Brasileiro, 26 anos (questionário).

³⁹ Alemão, 25 anos (questionário).

⁴⁰ Cf. Elias 1976a: p. 161ss.

⁴¹ Essa noção é plagiada de Goffman que usa essa metáfora para mostrar como as pessoas – concretamente ou abstratamente, em determinadas situações ou durante um período de tempo – criam espaço, a que eles exigem posse. Tais territórios podem

claramente e não têm essas fronteiras inequívocas. Neste país, cada um fala com os outros sobre quase tudo, tal conversação não é limitada ao assunto de competência da pessoa ou que são próprios a uma situação: um professor da universidade, por exemplo, sempre fala sobre mais assuntos aos estudantes, não se limitando à matéria de sua disciplina científica. Na Alemanha, a ligação professor-estudante é muito mais impessoal. Há milhões desses exemplos. Em resumo, no Brasil, ainda há uma rede de relações sociais com malhas muito mais espessas que na Alemanha – onde o parceiro também tem a missão de compensar a falta dessas outras relações.⁴² Também nisso se reflete o ideal de amor romântico alemão; enquanto, no Brasil, domina uma percepção do parceiro com traços que podem ser encontrados também em outras pessoas:

Não consegui idealizar uma pessoa. Tem tantas pessoas.⁴³
 Er war zu der Zeit einfach meine zweite Hälfte.⁴⁴
 (Ele era simplesmente naquela altura a minha cara metade.)

3. Fixação por meio da língua *versus* vivência do momento

O uso das noções abstratas versus concretas para descrição das expectativas diferentes: Por meio da continuidade da imagem das coisas materiais e mentais que se desenvolve com o desenvolvimento da língua, geram-se estruturas de expectativa. Quanto mais o mundo lingüístico-simbólico tiver tais estruturas de expectativas invariáveis e tipos ideais, tanto mais direcionadas serão as futuras⁴⁵ definições de realidade.

ser, por exemplo, territórios de posse, de informação ou de conversação (cf. Goffman 1982: p.67ss). Em todas as suas observações de sociedades, Goffman descreve a própria sociedade como etnólogo, associando metáforas de território, de jogo, de teatro e de quadro para descobrir o comportamento humano na sociedade ocidental (cf. a isto Goffman 1996a; 1996b; 1996c; 1994).

⁴² Cf. também Luhmann 1996: p. 194.

⁴³ Brasileira, 28 anos (entrevista).

⁴⁴ Alemã, 23 anos (questionário).

⁴⁵ Esse fenômeno também foi descrito no ensaio sobre o desenvolvimento do mito como sistema semiológico secundário de Roland Barthes 1964: p. 115ss.

A seguir, um exemplo de descrições metafóricas utilizadas para criar um edifício abstrato comum:

Ich finde, man muß über gemeinsame Denkstrukturen verfügen, über gemeinsame Einstellungen, parallele Einstellungen; wenn man einfach blind weiß, der andere denkt ähnlich⁴⁶.

(Eu acho que precisamos de estruturas de pensamento em comum, atitudes em comum, atitudes paralelas; se a gente sabe cegamente, que o outro pensa da mesma forma.)

Desta forma, a maioria dos inquiridos alemães descrevem suas imagens de uma relação amorosa com palavras abstratas: quando questionados sobre o que traz consistência à relação amorosa, como pode ser verificado numa citação acima, as palavras mais freqüentemente mencionadas foram *interesses comuns e atitudes comuns* assim como *confiança/ compreensão/ respeito/ honestidade/ sinceridade*. Em oposição, os inquiridos brasileiros mencionam mais freqüentemente *atração física/ sexo/ tesão*.

45 estudantes alemães descrevem a coisa especial que encontram no parceiro nos seguintes termos: *compreensão/ confiança/ honestidade/ respeito/ tolerância*, 18, mencionam os aspectos em comum (interesses, atitudes etc.). 12 estudantes brasileiros assinalam *amor/ carinho* como a coisa única, que eles encontram no parceiro; 9, referem-se à *sensualidade/ beleza/ sexo/ cheiro/ voz*, e, outros 9, a *amizade/ cumplicidade*.

Falta de *compreensão/ atenção/ respeito/ confiança/ sinceridade* é o primeiro ponto de crítica entre os inquiridos alemães.

Constituição e reprodução verbal versus não-verbal da relação amorosa – criar contato: Entre os inquiridos alemães, o contato inicial tem lugar por meio da comunicação verbal, que implica duas atitudes de expectativa: a representação da própria originalidade e a ratificação dela pelo outro. A comunicação não deve ser um ritual vazio, mas sim fornecer informações sobre o outro. Assim, a busca de afinidades começa:

Ich versuche, ihr näherzukommen, das beginnt natürlich bei der Vertiefung eines Gesprächs. Ich versuche, Gemeinsamkeiten auszukunden und daran

⁴⁶ Alemão, 27 anos (entrevista).

anzuknüpfen, sei's nun Musik oder Studium oder irgendwas anderes, eine Meinung, eine gemeinsame Einstellung.⁴⁷

(Tento me aproximar dela, isso começa, claro, com o aprofundamento de uma conversação. Tento descobrir coisas em comum para nos relacionarmos, seja música ou assuntos ligados aos estudos ou qualquer outra coisa, uma opinião, uma atitude em comum.)

Pretensões tão elevadas com respeito ao contato inicial podem também agravar e bloquear a expressão do interesse: o medo de quebrar a cara prepondera nesse caso. Por isso, o ator precisa de técnicas refinadas – comunicação aludida como comunicação negável, ambigüidades etc. – para manter a imagem.⁴⁸

Contra isso, criar contato usando a linguagem corporal, entre os inquiridos brasileiros, tem uma função de descarga: um estudante, que viveu por quatro anos na Alemanha, afirmou que o contato por olhar, que substitui a verbalização do interesse, carregada de expectativas, evita esse problema da iniciação, observado na Alemanha.⁴⁹ Além do contato pelo olhar, “a sua maneira de falar, sua tonalidade de voz, sua posição corporal”⁵⁰ podem ser também importantes. Em resumo, o “como” do componente sexual parece ser mais importante em relação ao “o que” do intelectual. Isso também foi confirmado num estudo de campo efetuado por Heilborn, que observou a aproximação sexual dos franceses em contraposição à dos brasileiros:

[...] porquanto, em França, pousar os olhos sobre alguém significa invadir-lhe a privacidade. Já no Brasil, consideramos que se alguém nos cumprimenta sem manter os olhos em comunicação com os olhos do interlocutor é uma pessoa sem firmeza de caráter.⁵¹

Duração versus momento como constituintes da realidade da relação: Por meio da fixação lingüística, constitui-se um quadro dentro do qual, além do momento atual com referência ao passado e ao futuro, encontram-se destinações de signifi-

⁴⁷ Alemão, 29 anos (entrevista).

⁴⁸ Isto se correlaciona a observações realizadas por Goffman (cf. Goffman 1982; p. 81ss).

⁴⁹ Brasileiro, 40 anos (entrevista).

⁵⁰ Brasileiro, 27 anos (entrevista).

⁵¹ Heilborn 1997.

cação que são projetadas num todo. Assim, os fenômenos de vivência se destacam da “corrente de consciência” ao obter um sentido particular e se inserem na ordem biográfica, fundada nas institucionalizações sociais, as quais oferecem, por sua vez, categorias de valoração.⁵²

As objetivações de uma comunidade cultural, que são produzidas no processo dialético da apropriação subjetiva, da reprodução e da modificação dessas objetivações, são muito mais marcadas numa cultura fechada como a Alemanha do que no Brasil.⁵³ Essa orientação para a vivência intensa do momento presente também se refletiu na realidade da vivência das relações amorosas dos inquiridos brasileiros.

No Brasil, a média do número de relações amorosas experimentadas por cada entrevistado até o momento é mais alta do que na Alemanha⁵⁴; correspondentemente, a média de duração dos relacionamentos no Brasil é menor: 1,75 anos, contra 3,1 anos na Alemanha. Além disso, os inquiridos brasileiros nem sempre sabem exatamente quantas relações já tiveram, de modo que se pode encontrar indicações como *diversas/perdi a conta/não sei precisar/ muitas/várias/bastante*, considerações que não aparecem nos questionários alemães.

Os inquiridos brasileiros mencionam sempre que as indicações só valem para o momento, parecem não querer se comprometer:

Pergunta: Qual a importância que o relacionamento a dois tem em sua vida comparado a outras esferas (trabalho, amigos, família...)?

Resposta: Atualmente a relação amorosa tem uma importância vital para mim.⁵⁵

Pergunta: O que faria acabar uma ligação amorosa?

Resposta: Mentira, falta de respeito, e o fim do amor, mas de uma forma natural, porque isto é normal.⁵⁶

⁵² A seguir a Husserl, Schütz descreve essa obtenção de sentido pela doação como “attentionale Modifikationen” (“modificações atencionais”); o “Como” da doação respectiva constitui o que se pode declarar como o sentido de uma vivência (cf. Schütz 1993: p. 96).

⁵³ No seu estudo sobre os primeiros anos dos jovens casais na Alemanha, Eckert/Hahn descrevem como tais ficções lingüísticas, finalmente, criam definições do papel dos parceiros, que estagnam (cf. Eckert/Hahn 1989: p. 27).

⁵⁴ 5 versus 3, 25 anos.

⁵⁵ Brasileiro, 22 anos (questionário).

⁵⁶ Brasileiro, 23 anos (questionário).

Resposta: Muita cobrança. Chega uma hora em que os dois não se agüentam mais e esta ligação chega ao fim.⁵⁷

Resposta: O tempo.⁵⁸

Em conformidade com isso, também não há projeções do momento presente para o futuro como na Alemanha. Os entrevistados brasileiros não querem tomar posição:

Pergunta: Você acha que vocês vão ficar juntos por mais um ano?

Resposta: Não sei, mas não pensei nisto.⁵⁹

Resposta: Depende.⁶⁰

Pergunta: Considera "...até que a morte nos separe" realizável?

Resposta: Hoje não... qualquer dia pode ser, não sei.⁶¹

Resposta: Dentro do presente momento acredito que sim.⁶²

Resposta: Provavelmente sim, hoje, sim.⁶³

Na questão 3.4., que apresenta 4 alternativas para a pergunta: "se você fosse dono do seu destino...", é significativo observar que grande parte dos inquiridos brasileiros (questionários) recusam-se a responder, escolhendo uma das alternativas; afirmam que não escolhem nenhuma delas, que *fica com uma pessoa sem pensar no destino/estou com alguém enquanto me sinto bem com ela, ou que ela esteja bem comigo/depende da pessoa/depende/às vezes preciso alguém, às vezes prefiro ficar sozinha/não sei, mas monogamia não pode dar o que preciso.*

Os alemães nunca rejeitam escolher uma das alternativas oferecidas. As respostas às outras perguntas revelam um resultado semelhante: 62 estudantes alemães e 44 brasileiros podem imaginar ficar com o seu parceiro atual por mais um ano; 45 estudantes alemães e 25 brasileiros desejam a relação amorosa atual para o resto da vida; 32 estudantes brasileiros não optam, quando questionados a respeito, por uma ligação amorosa e sexual, íntima e fiel, o maior tempo possível; na Alemanha, somente 20.

⁵⁷ Brasileiro, 29 anos (questionário).

⁵⁸ Brasileiro, 23 anos (questionário).

⁵⁹ Brasileiro, 26 anos (entrevista).

⁶⁰ Brasileira, 28 anos (entrevista).

⁶¹ Brasileiro, 27 anos (entrevista).

⁶² Brasileira, 26 anos (entrevista).

⁶³ Brasileiro, 29 anos (entrevista).

4. A coordenação do comportamento na esfera da interação: adaptação das perspectivas como resultado da ficção do compreender *versus* fascinação do outro como resultado da vivência do momento

Luhmann descreve a formação do ideal de amor romântico como resultado da inversão da compreensão da pessoa: no lugar da inconstância dos relacionamentos, que resulta da suposição da constância das pessoas, surge a possibilidade da constância dos relacionamentos resultante da suposição da inconstância das pessoas. A época romântica descobre a capacidade de mudança do homem.⁶⁴ Essa hipótese fundamental é a base da diferenciação do mundo privado comum, e esse mundo só pode ser criado e ampliado quando existe principalmente a possibilidade do compreender recíproco. Em contraposição, no Brasil, nunca se produziu tal conceito tão homogêneo, estabelecido no processo filogenético e ontogenético como ocorreu na Alemanha. Dessa forma, essa forte expectativa do compreender recíproco passa para um segundo plano no Brasil, enquanto na Alemanha se torna exigência fundamental, ou, em outras palavras, o problema fundamental do relacionamento. Um estudante alemão descreve as mudanças do seu relacionamento, do início até o presente momento, da seguinte maneira:

[...] damals vom einfachen „wenn...dann“, „wenn...dann“ heute zu „wenn...dann und auch und dies“, also zur Berücksichtigung aller möglichen Aspekte, und insofern lernt man dann auch eine andere Person besser verstehen, und insofern hab´ ich auch meine Geliebte dann besser verstehen gelernt, Dinge, die mir vorher völlig verborgen waren, weil ich eben in dieser alten Argumentation verhaftet war [...] ohne einzusehen, daß noch vielfältige andere Gründe vorliegen, die genauso schergewichtig sind.⁶⁵ ([...] naquele tempo do simples “se, ... então”, “se, ... então” hoje para “se, ... então ... e também isto e aquilo”, ou seja, para considerar todos os aspectos possíveis, e com isso se aprende a compreender melhor uma outra pessoa, e desta maneira aprendi a compreender melhor, a minha namorada coisas que eu anteriormente desconhecia por completo, porque eu estava preso naquela argumentação velha [...] sem compreender que existiam ainda muitas outras razões, que também têm um grande peso.)

⁶⁴ Cf. Luhmann 1996: p. 89ss.

⁶⁵ Alemão, 29 anos (entrevista).

